

editorial
editorial

entrevista
interview

artigos submetidos
submitted papers

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

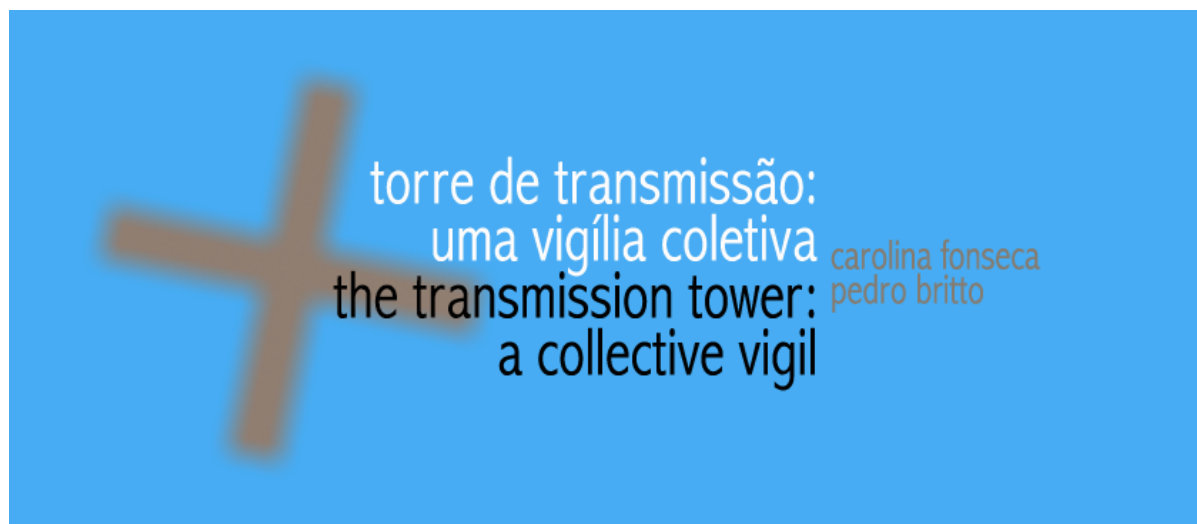
expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!18

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 01 semester



Carolina Ferreira da Fonseca é Designer, Doutora em Processos Urbanos Contemporâneos. Professora da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do Laboratório Design Interlocutório, pesquisadora do grupo de pesquisa Entrópicos, e coordenadora do Escritório Público de Design, Arquitetura e Urbanismo. É membro-fundadora da Sociedade da Prensa, e membro da Fazenda Fortaleza, um núcleo de experimentações estéticas e ambientais, onde desenvolve projetos de construção, pesquisa e criação.

Pedro Dultra Britto é Arquiteto, Doutor em Processos Urbanos Contemporâneos. Professor Adjunto da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. Coordena o grupo de pesquisa em Urbanismo Entrópico e o Escritório Público de Design, Arquitetura e Urbanismo. Membro da Fazenda Fortaleza, um núcleo de experimentações estéticas e ambientais, onde desenvolve projetos de construção, pesquisa e criação.

FONSECA, C.; BRITTO, P. D. Torre de transmissão: uma vigília coletiva. **V!RUS**, São Carlos, n. 18, 2019. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=5&item=96&lang=pt>

Palavras-Chave: Escolas rurais, políticas públicas, ações culturais.

ARTIGO DE AUTORES CONVIDADOS

O Censo Escolar registrou o fechamento de 60.065 escolas rurais no período de 1995 a 2016. Entre 2015 e 2018, os artistas Yuri Firmeza, Laura Castro, Carolina Fonseca, Renata Marquez, Pedro Britto, Pablo Lobato, Ícaro Lira, Glayson Arcanjo e Filipe Britto realizaram o projeto "Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância". Uma experimentação para confrontar – no campo das relações intrínsecas entre estética e política – esse dado abismal: o fechamento de uma média de 8 escolas públicas rurais por dia no decurso de 20 anos.



Este foi o campo de pesquisa de três expedições embrenhadas nas entranhas do Brasil profundo, nos estados mais afetados pela catástrofe: Bahia, Minas Gerais e Goiás. A proposta era criar outros regimes de visibilidade deste parque arqueológico e tramar um posicionamento estético-político interessado em evidenciar a agonia dos desígnios da modernidade e suas territorialidades constitutivas. Além de viagens para pesquisas de campo, produção de imagens e expedição por escolas fechadas nos três estados, o projeto culminou na "Torre de Transmissão".

Frente à abstração de um número com muitas casas decimais (60.065 escolas fechadas), um grupo, subdividido em três (Goiás/ Bahia/ Minas Gerais), parte ao encontro das frações e vestígios, numa espécie de genealogia dos restos. Ir ao encontro dessas escolas fechadas é produzir uma descontinuidade em detrimento de testemunhar ou de pôr à prova se os números conferem. E é nesse ínterim, nesta fresta descontínua, produzida em nós quando adentramos nos escombros das antigas escolas, que a posterior leitura no pasto vai operar (FIRMEZA, 2017).

"Torre de Transmissão" configura-se como um dispositivo de fala e um sistema de escuta cuja forma plástica foi gerada pela materialização das barras estatísticas que representam os dados (nomes) das escolas rurais fechadas no Brasil nos últimos 20 anos. O dispositivo de fala ou totem estatístico, ativado pelos princípios da ocupação, foi implantado em setembro de 2017, num pasto da Universidade Federal de Goiás (UFG), ao lado da Reitoria. A paisagem rural do município de Goiânia e as ações de leitura que ali ocorreram num período de 24 horas foram transmitidas em regime de simultaneidade (*streaming*) para diferentes mídias, cidades e canais.

A concepção da "Torre de Transmissão" questiona uma abordagem estritamente etnográfica de caráter documental em favor de uma prática artística prospectiva e aponta para a configuração de um experimento, articulado pela intersecção entre rural e urbano, entre zonas remotas e lógicas de simultaneidade, entre processos políticos de amnésia e formas de legibilidade e visibilidade.

*

O acesso à "Torre de Transmissão" era feito pelo estacionamento de uma construção paralisada, uma passagem improvisada na cerca de arame farpado de um pasto-escola adjacente ao edifício da Reitoria da UFG. Dentro do pasto, uma tenda protegia uma mesa com alimentos, bebidas e cadeiras. No canto mal se notava a câmera sobre um tripé baixo. Distante uns 20 metros, víamos a pessoa que lia, as pilhas de formulários contínuos impressos ao seu lado direito e ouvíamos o som fraco da voz sem amplificação.

A tenda era o lugar de recepção de todos os visitantes que incessantemente chegavam ao longo das 24 horas de leitura. As pessoas chegavam, conversavam sobre o projeto, observavam. Aqueles que aderiam à ação de leitura assinavam o termo de permissão de imagem e se dirigiram para a estação de espera, uma pequena arquibancada circense posicionada além da cadeira de leitura. Nesta arquibancada os leitores aguardavam a vez por ordem de chegada. Cada pessoa lia o quanto queria, 5 minutos ou 1 hora, e, no momento que desejava parar, se levantava e esta era a senha para a próxima pessoa se aproximar por trás e assumir a leitura.

Tal como um território arquipélago, onde se relacionavam ilhas distintas, imantadas pela intenção de sustentar a vigília de 24 horas. Havia alguns períodos de receio, entre 13:00 e 17:00 horas, quando em setembro chegamos a condições climáticas de 38°C com 10% de umidade, quase um deserto. O período

noturno também gerava receio no grupo propositor, receio do esgotamento de leitores. O receio não se cumpriu, o arquipélago era povoado intensamente, pessoas circulando entre as ilhas, levavam café, notícias, avisos, ocorrências pequenas, um nome intrigante de escola desativada, alguém que chegou, uma mensagem que veio de outra cidade.

O convite para compor o contínuo, escuro, claro, gélido e abrasador estado de vigília havia sido lançado. Sem garantias, precisaríamos dar conta do recado, mesmo sem as participações externas. Mas para nossa surpresa, durante as 24h de leitura ininterrupta, não ficamos sozinhos nem um minuto sequer. Mágica coisa! Até na mais alta madrugada, diversos sotaques, idades e cores surgiam sem parar no isolado pasto. Um lampejo, cuja dimensão ainda nos escapa, foi lançado rumo aos buracos largados por certas políticas ditas públicas (LOBATO, 2017).

Os bastidores explicitavam um fluxo de uma pequena multidão. Entre 1 e 2 de setembro, passaram pela Torre de transmissão mais de 200 pessoas, um fenômeno de ocupação ímpar, a instauração de um espaço público transitório, ali onde regularmente é frequentado apenas por vacas, bois, cupins e outros seres anímicos.

Colateral a essa montagem de estações de leitura, espera, filmagem e transmissão configurou-se um acampamento. Neste, ao lado de uma mesa, uma antena de rádio comunitária, duas barracas de acampamento, algumas cadeiras, formou-se uma vigília radiofônica. O projeto "Magnífica Mundi", da Escola de Jornalismo, da UFG, uma pesquisa-militância envolvida há muito tempo nos liames entre Universidade, Movimento Sem Terra e Comunicação popular, engajou-se na "Torre de Transmissão" a partir de uma ação de transmissão de 24 horas de programas de rádio focados nas escolas rurais vivas. Era como se, ao lado da solenidade da leitura que anuncia a morte, houvesse algo tão vivo produzido pelas escolas dos Acampamentos do MST, Movimentos de Mulheres Camponesas, Juventude Camponesa.

**

Comecei a primeira leitura às 10:37, no dia 1º de setembro, e a primeira escola, epifânica, chamava-se Escola Mundo Encantado. A garganta fechou, era a aridez do agosto-desgosto, no cerrado do Brasil profundo, ressecada pela aridez do dado. Ao Mundo Encantado extinto, depois seguiram-se escola isolada, escola extrema, escola fortaleza.... E cada nome batizava o dado ao lhe atribuir sentido singular. Era como se, na leitura, o dado estatístico incorporasse substratos espaciais, temporais, existenciais (FONSECA, 2017).

Ler os nomes das escolas fechadas cartografadas em todo o território rural brasileiro é ressuscitar estatísticas de um arquivo morto e mudo. É sobrepor datas, pessoas, homenagens e imagens ao dado estatístico estéril.

Aos artistas já envolvidos no projeto somaram-se outros sujeitos locais do município de Goiânia e região metropolitana na ação de ocupação da Torre de Transmissão. O ato de fala colaborativo, aonde além de nós, como grupo propositor da ação, muitas outras pessoas partilharam a experiência, evocou e materializou as escolas. Íamos, pessoa por pessoa, lendo em seu próprio ritmo, numa multiplicidade de vozes, num mantra de texturas e de corpos posicionados em meio às vacas e aos carrapatos, desfiando as pilhas de papéis (FIRMEZA, 2017).

A cadeira solitária diante da vastidão-pasto, um microfone sem amplificação, a arquibancada-espera, encontro, às vezes vazio, às vezes cama e rede, outras vezes espaço público. O papel soava infinito, o dado inestimável, havia um quase silêncio - mesmo diante do microfone, da arquibancada. A voz ínfima, ainda que em transmissão simultânea, parecia escutá-la por dentro, quando cada escola-número se tornava escola-nome.



Leitura arqueológica que escavava desde as homenagens aos sargentos, generais e coronéis desse patriarcado militar que nos ronda do campo à cidade, até as promessas de esperança, encanto, auroras, crianças, mundos e tantos devires que as escolas despertam ao se constituírem.



Foi sobre escutar o indizível, quantificar o inestimável e nomear o inominável. Foi sobre o impossível, a impossibilidade de - mesmo durante 24 horas de leitura ininterruptas - esgotar o fenômeno¹, mas foi também, sobretudo, a potência do vínculo entre leitura e escuta, num sentido de presença e envolvimento co-moventes.

Ler em voz alta a relação de escolas e suas cidades é uma experiência solene que evoca um estado particular. Uma sensibilização de outra ordem sobre a catástrofe atravessa o corpo na leitura/audição e o compartilhamento disso com os presentes evoca um entendimento comum. Isso sedimenta a ideia do encaminhamento de novas leituras, do formato do livro potente para ser lido em voz alta.

O insólito aconteceu quando as vacas e os bois, sujeitos territorialmente referenciados neste pasto-escola, foram se aproximando e de repente protagonizavam a leitura. A "Torre de Transmissão" foi atravessada pela aparição anímica de vacas e bois que devoravam os papéis, enquanto os/as leitores/leitoras permaneciam sentados.

Os bovinos, quando se colocavam laterais aos leitores, sentados numa aparente solidão, plasmavam uma síntese radical do processo em curso, da leitura tentativa do próprio processo. As vacas e os bois iniciaram a devoração dos restos das escolas lidas, comiam vorazmente, famintas, o volume informe de formulários contínuos, bolo de papel semelhante a uma língua branca infinita. Corpos assimétricos enredados numa imagem simbiótica, escolas mortas lidas em vozes inaudíveis no pasto, enquanto os bovinos mastigavam seus restos, suas letras mortas. Leitores e devoradores justapostos numa ação sintoma. As vacas e os bois como figuras metonímicas do latifúndio commodities, da pecuária extensiva, ela mesma engrenagem da destruição das escolas.

Terminei a última leitura às 10:37, no dia 2º de setembro. A madrugada fora fria e estávamos exaustos, mas o calor foi se chegando e pude retirar o casaco pouco antes de assumir a cadeira numa clara manhã azul. A voz embargada, o corpo exigente de postura na coordenação dos movimentos das mãos na passagem do papel contínuo, da leitura alimento dos ruminantes. Pressinto a movimentação crescente do grupo de apoio pela chegada da 24ª hora, e ela chega... "Escola São João Batista, Escola São Luís, Escola Tiradentes, Escola Unidos Venceremos"... vaticina a última escola do livro (BRITTO, 2017).

Brazil, 13 de maio de 2019.

Esse relato termina às vésperas do 15 de maio, dia conclamado para uma paralisação nacional. Após o bloqueio de 30% da verba de custeio, as universidades se equilibram para funcionar até agosto, embargo ideológico numa clara conjuntura de censura. As visitas às imponderáveis ruínas das escolas rurais lampejam como um prenúncio assombroso, aquilo do remoto dos territórios rurais parece avizinhar-se até mesmo das universidades brasileiras. No Goiás, a iminência do corte do passe estudantil. Esse presente enredado no labirinto temporal colonial abre nova temporada de distribuição do livro "Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância"². De 21 de maio à 21 de agosto, enviaremos livros para pessoas interessadas no convite anunciado na capa, que diz:

O Censo Escolar registrou o fechamento de 60.065 escolas rurais no período de 1995 a 2016. Ler os nomes das escolas fechadas cartografadas em todo o território rural brasileiro é ressuscitar estatísticas de um arquivo morto e mudo. É sobrepor datas, pessoas, homenagens e imagens ao dado estatístico estéril. A primeira ação de leitura desses dados foi iniciada em Goiânia às 10:37 do dia 1º de setembro de 2017 e finalizada 24 horas depois. Os dados haviam sido impressos em formulários contínuos e foram lidos por voluntários sentados em frente a um microfone. Chamamos a ação de Torre de Transmissão, montada em um pasto da Universidade Federal de Goiás e transmitida ao vivo. No enquadramento se via uma cadeira, o microfone, as pilhas de formulário e uma arquibancada ao longe, na qual esperávamos pelo revezamento da leitura. Ao folhearem os formulários, os leitores transformavam o seu volume compacto em um conjunto informe disperso no pasto, à mercê dos gestos de leitura, da voracidade das vacas e da velocidade do vento. O tempo de leitura foi incapaz de completar a totalidade dos dados. EXPEDIÇÃO CATÁSTROFE POR UMA ARQUEOLOGIA DA IGNORÂNCIA cataloga, na ordem alfabética dos municípios, os nomes das escolas rurais desativadas. Aquela ação de leitura no pasto, premente e incompleta, torna-se portátil e múltipla nas mãos de novos leitores em contextos imprevistos. Este é um livro para ser lido em voz alta.

Aos interessados/das, por gentileza, enviem um e-mail solicitando o livro e as instruções, até 21 de agosto de 2019: leiturasdaexpedicaocatastrofe@gmail.com.

Depoimentos pós-experimentação:

Cacá Fonseca

Pablo Lobato

Pedro Britto

Yuri Firmeza

1 Durante 24 horas ininterruptas de leitura, foram citadas aproximadamente 9000 escolas, ou 14,98% do total.

2 CAMPOS, A.; FONSECA, C.; BRITTO, F.; ARCANJO, G.; BRITTO, P.; LIRA, Í.; CASTRO, L.; LOBATO, P.; MARQUEZ, R.; FIRMEZA, Y. Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância. [cidade?]: [editora?], 2018.